

**‘Indo direto ao assunto’: a configuração da construção com
adjetivo adverbial de sentido qualitativo no português brasileiro
contemporâneo**

**‘Going straight to the point’: the configuration of the adjective-
adverb construction of qualitative meaning in contemporary
Brazilian Portuguese**

Rodrigo Pinto Tiradentes*
rodrigopintotiradentes7@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Priscilla Mouta Marques**
priscillamouta@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma análise da construção com adjetivo adverbial de sentido qualitativo. Adotando a perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), propomos que o verbo e o adjetivo adverbial sejam conceptualizados e instanciados em conjunto, compondo um único pareamento forma-sentido (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 2019). Interessa-nos, portanto, depreender a configuração da construção [V AA]Qualit, com base na investigação de suas propriedades formais, semânticas, discursivo-pragmáticas e contextuais, em análise quali-quantitativa. Os dados foram coletados nos *corpora* Corpus do Português e C-Oral-Brasil e correspondem ao português brasileiro contemporâneo. Nossa análise demonstra que tal construção tende a ser formada por um verbo intransitivo ou em uso intransitivo, principalmente de sentido material, seguido imediatamente de um adjetivo mais abstrato, de diferentes tipos semânticos. Além disso, os resultados indicam que a construção é mais vinculada à estrutura informacional de foco exclusivo e é mais frequente em textos mais informais e prototipicamente orais.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivo adverbial. Construção adverbial qualitativa. Linguística Centrada no Uso. Gramática de Construções.

* Possui Licenciatura em Letras: Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018) e Mestrado em Linguística (2021) pela mesma instituição. É Professor I (Língua Portuguesa) da Prefeitura de São Gonçalo. e membro do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFRJ) e da Comissão Operacional da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL).

** Possui graduação em Letras (Português-Literaturas) (1999), Mestrado (2008) e Doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professora Adjunta de Linguística da UFRJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição e pesquisadora do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. É também membro do GT Descrição do Português, da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: ordenação vocabular; construção gramatical; construcionalização; mudanças construcionais; adjetivos adverbiais; construções de modificação verbal.

ABSTRACT: This article aims to present the configuration of the adjective-adverb construction of qualitative meaning in contemporary Brazilian Portuguese. The theoretical perspective adopted was the Usage-Based Linguistics, according to which constructions emerge from use and are organized in a structured way in a constructional network that includes different levels of abstraction (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 2019). The data collected from Corpus do Português and C-Oral-Brasil I underwent a quali-quantitative analysis, centered on the observation of formal, semantic, discursive-pragmatic and contextual properties of the construction [V AA]_{Qualit.}. The results of this analysis indicated that this construction presents the following tendencies: formal pattern [V AA] – the adjective occurs postposed and adjacent to an intransitive verb or to a verb in intransitive use; meaning resulting from the combination of a material-type verb to adjectives of different semantic types; pragmatic restriction of exclusive informational focus; and occurrence in more informal and prototypically oral texts.

KEYWORDS: Adjective-adverb. Qualitative adverbial construction. Usage-Based Linguistics. Construction Grammar.

Introdução

Estudar os adverbiais é se deparar com um conjunto heterogêneo de elementos, tanto no que tange à forma quanto no que tange ao sentido ou à função que apresentam. Numerosos estudos de diferentes correntes teóricas foram realizados acerca dessa diversidade, objetivando, por exemplo, depreender o que caracteriza e o que diferencia cada um dos tipos de adverbiais e/ou estabelecer uma discussão do estatuto do advérbio como classe de palavras. Embora não entremos especificamente em tal debate neste artigo, pensamos que o que aqui se apresentará pode contribuir para o entendimento de um dos tipos de construção adverbial presentes no português brasileiro (PB): a construção com adjetivo adverbial de sentido qualitativo (doravante [V AA]_{Qualit.}). Pretendemos, então, expor e discutir brevemente alguns resultados da pesquisa por nós desenvolvida, que buscou identificar quais propriedades de ordem morfosintática, semântica, discursivo-pragmática e contextual são relevantes para a caracterização e singularização de tal construção.

Adotamos como fundamentação teórico-metodológica a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), segundo a qual construções são pareamentos de forma e função, que se associam entre si por meio de diferentes *links* e compõem uma vasta rede construcional (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Esta rede abarca unidades de diferentes níveis de abstração e de diferentes composições formais (de morfemas a sentenças, por exemplo). Por emergirem com

base nas instanciações de uso no discurso (HOPPER, 1987; BYBEE, 2010) e a partir de relações de motivação que favorecem um quadro de biunivocidade entre estruturas linguísticas e funções discursivas (GIVÓN, 1995), as construções apresentam características formais, semânticas e/ou discursivo-pragmáticas que lhes são específicas e as diferenciam umas das outras (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019).

Assim sendo, para atingir o objetivo central de nosso estudo, realizamos uma análise quali-quantitativa utilizando dados extraídos do *Corpus do Português (aba gênero/histórico)* (DAVIES; FERREIRA, 2006), que inclui textos orais e escritos do PB do século XX, e do *C-Oral-Brasil I* (RASO; MELLO, 2012), *corpus* que abrange inteiramente textos orais informais do PB do século XXI¹. Como previamente mencionado, investigamos fatores formais (a posição do adjetivo em relação ao verbo; a presença e o tipo morfossintático de elementos intervenientes; e a presença e o tipo morfossintático de complemento verbais), semânticos (o tipo de verbo e o tipo de adjetivo), discursivo-pragmáticos (o foco informacional) e contextuais (a modalidade e o domínio discursivo dos textos). Aqui, destacaremos as análises de alguns desses fatores, consideradas as mais relevantes para a caracterização da construção sob investigação.

Nosso artigo, então, está organizado da seguinte forma: na seção subsequente a esta introdução, apresentaremos, de modo muito sucinto, as bases da Linguística Funcional Centrada no Uso sobre as quais se pautaram a pesquisa por nós desenvolvida. Em seguida, faremos um panorama dos achados de estudos anteriores sobre os adjetivos adverbiais (ou adjetivos adverbializados, termo utilizado em diversos trabalhos sobre o tema²). Na sequência, apresentaremos os principais resultados de nossa análise, que apontam para características específicas da construção [V AA]_{Qualit}, e teceremos, por fim, nossas considerações finais.

1 Linguística Funcional Centrada no Uso – principais pontos norteadores

¹ Destacamos que não foram analisadas ocorrências em que o adjetivo apresentava marca de grau ou flexão de gênero feminino ou número plural nem foram considerados elegíveis para o nosso trabalho casos mais idiomáticos, como “dar certo” e “pegar leve”, em que o sentido do verbo está mais esvaziado e a expressão assume um significado menos composicional.

² Não adotamos o termo tradicional “adjetivo adverbializado”, porque este expressa a noção equivocada de que tais elementos são consequência de um processo inovador ou ocasional de adverbialização do adjetivo, não captando, assim, dentre outros motivos, o fato de que o uso de adjetivos em função adverbial já existia no latim e se manteve nas línguas românicas (com exceção do romeno) até a contemporaneidade (HUMMEL, 2022, 2013, entre outros).

A Linguística Funcional Centrada no Uso é uma corrente teórico-metodológica que se insere no polo funcionalista dos estudos da linguagem, assumindo a postura teórica de estudar as motivações de uso das expressões linguísticas, e que adota a Gramática de Construções como um aporte de representação abstrata da língua, reconhecendo o compromisso interdisciplinar de analisar a linguagem como parte não autônoma da cognição humana. Desse modo, segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), a LFCU promove um estudo da linguagem que abrange suas dimensões socio-interacional, cultural e cognitiva, dispendo centralidade ao uso da língua, isto é, ao caráter funcional das estruturas linguísticas que motivam sua ocorrência nos eventos de comunicação verbal. Nessa direção, os autores (op. cit., p. 19) definem a linguagem como uma gama complexa de atividades cognitivas e sociocomunicativas integradas às demais áreas da psicologia humana. Tal definição evidencia a importância concedida às duas grandes instâncias da língua: as práticas discursivas e o conhecimento abstrato, os quais são referidos tradicionalmente como discurso e gramática. O discurso é compreendido como qualquer instância autêntica de uso da língua em uma de suas variadas manifestações, que sempre envolve produção e compreensão de enunciados contextualizados e elaborados dentro de um gênero textual. Já a gramática é entendida como o conjunto de regularidades advindas da rotinização discursiva, que faz expressões linguísticas de alta frequência serem estocadas na memória de modo organizado e abstraídas em unidades mentais articuladas entre si. Considerando a contribuição da Gramática de Construções, compreendemos, portanto, que a organização da gramática assume a feição de uma rede de pareamentos forma-sentido, tal como referido anteriormente.

Refutando a perspectiva formalista de estudar discurso e gramática separadamente, a LFCU postula que a instância de uso e a instância mental interagem entre si e se influenciam mutuamente, de modo que uma não pode ser compreendida sem observarmos a outra (HOPPER, 1987). De um lado, o conhecimento linguístico é ativado cognitivamente para que o discurso seja efetivado; de outro, as práticas discursivas são memorizadas pelos falantes e impactam a representação mental. Essa interação simbiótica se torna mais nítida ao considerarmos os efeitos de variação e mudança, que são inerentes à linguagem. Uma vez que as interações sociais são diversas e que a cultura está em constante desenvolvimento, a instanciação da gramática é sempre sujeita às necessidades contextuais, favorecendo a alteração dos padrões de uso existentes e mesmo o surgimento de novos padrões, o que, por sua

vez, conduz a uma reorganização da gramática, que agora precisa se acomodar para codificar as novas relações entre forma e função.

Em suma, reconhecemos que há uma íntima relação entre estrutura linguística e suas instanciações, de modo que o sistema linguístico deve sua formação aos eventos de uso. Como o discurso orienta a composição do sistema linguístico, a frequência assume grande importância. Itens ou expressões linguísticas de alta frequência representam ao mesmo tempo o resultado e a força estruturante da gramática, indicando as unidades cognitivas mais ativadas e fortalecendo sua ativação.

2 Adjetivos adverbiais na literatura funcionalista

No âmbito da LFCU, os adjetivos adverbiais chamam a atenção por demonstrarem características de duas classes de palavras, tendendo a comprovar a posição funcionalista de que a língua é flexível e que suas categorias são radiais e fluidas; desse modo, é não só possível, mas sobretudo esperado, que entre adjetivos e advérbios exista um *continuum*, no meio do qual se situem os adjetivos adverbiais.

Seguindo esse preceito, Barbosa (2006) buscou verificar, com base no Funcionalismo norte-americano, se os adjetivos adverbiais são resultado do processo de gramaticalização, isto é, de um processo unidirecional em que elementos lexicais passam gradualmente a exercer função mais gramatical. Mais especificamente, a autora investigou se certos adjetivos, motivados por contextos de ambiguidade ou oscilação categorial, passariam a se comportar sintática e semanticamente como elementos adverbiais. Para comprovar sua hipótese, a pesquisadora analisou dados coletados nos *corpora* do *Projeto Discurso & Gramática* e do *Projeto NURC-RJ* e observou diferentes fatores que poderiam contribuir para a gramaticalização dos adjetivos. Entre seus resultados, Barbosa identificou que os adjetivos adverbiais tendem a ocorrer em posição posterior e adjacente ao verbo e que os verbos por eles modificados tendem a ser intransitivos ou a estar em uso intransitivo. Tem-se, assim, uma ordenação que promoveria fixação na sentença e facilitaria a cristalização da estrutura linguística. Além disso, a autora verificou que a maioria dos adjetivos são do tipo avaliativo (em oposição ao tipo descritivo) e que a maioria dos verbos são do tipo material, segundo a classificação de Martelotta (2004). Tais fatos também comprovariam a natureza mais gramatical dos itens adjetivais – já que o sentido

avaliativo é mais abstrato que o descritivo – e que elementos adverbiais qualitativos tendem a modificar verbos materiais.

Os trabalhos posteriores ao de Barbosa, embora adotassem referencial teórico mais recente e não seguissem a hipótese de gramaticalização, valeram-se dos resultados obtidos pela pesquisadora. Em geral, tais trabalhos partem da concepção de que o adjetivo adverbial e o verbo que ele modifica formam juntos uma construção, segundo conceituação de Goldberg (1995, 2006). Dentre esses, destacamos as pesquisas realizadas por Virginio (2016, 2018), embasadas na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), e por Campos (2019), sustentada na LFCU.

Virginio (2016, 2018) busca compreender por que certas combinações de verbo e adjetivo são possíveis e outras não e, assim, investigar como está configurado o nível de (semi)produtividade da construção com adjetivo adverbial. Sua hipótese central é de que haveria uma diferença pragmática entre as construções de modificação verbal com adjetivo adverbial e com advérbio em –mente. Somado a isso, o pesquisador considera que o conhecimento de frequência de uso das combinações poderia interferir sobre essa diferença. O autor, então, elaborou experimentos *offline* de julgamento de aceitabilidade para avaliar o recaimento do foco informacional em sentenças com cada uma dessas construções.

Em sua monografia, Virginio (2016) verificou estatisticamente que, entre tais construções, apenas aquela com adjetivo adverbial tende a não compartilhar foco informacional com outros elementos da sentença (fenômeno nomeado como “foco exclusivo”); e que a frequência de uso dos itens adjetivais não interfere nessa tendência da construção com adjetivo adverbial. Posteriormente, Virginio (2018) realizou um segundo experimento e constatou que também a construção com advérbio em –mente apresenta tendência de foco exclusivo, embora em menor intensidade; e que combinações muito frequentes de verbo mais adjetivo adverbial demonstram menor tendência a foco exclusivo do que as combinações pouco frequentes. Ao final de toda a sua análise, o autor comprovou sua hipótese inicial de que as duas construções se diferenciam pragmaticamente, mas também observou que o foco exclusivo é um aspecto relacionado tanto aos adjetivos adverbiais quanto aos advérbios em –mente.

Campos (2019), por sua vez, traçou como objetivo principal a delimitação de propriedades de cunho formal, semântico e discursivo-pragmático que distinguem a construção com adjetivo adverbial e a construção com advérbio terminado em –mente.

Utilizando a aba *Web* do *Corpus do Português*, a autora coletou e analisou dados de 7 microconstruções do esquema [V AA]_{Qualit}. Em seguida, buscou por dados da construção com advérbio em –mente de mesma base adjetival [V Xmente]_{Qualit} e verificou que apenas 1 adjetivo adverbial não apresenta contraparte com advérbio em –mente na construção de modificação verbal, a saber, o adjetivo “alto” (“altamente”). Seus resultados demonstram que as duas construções se diferenciam sobretudo pragmaticamente, porque, corroborando a hipótese inicial de Virginio (2016), os adjetivos adverbiais ocorreram mais em sentenças com foco exclusivo, e os advérbios em –mente, mais em sentenças de foco não exclusivo. Além disso, a pesquisadora confirmou que os adjetivos adverbiais tendem a se posicionar imediatamente após um verbo intransitivo ou em uso intransitivo e observou que tais verbos tendem a ser de tipo corpóreo e de atividade verbal, além dos de tipo material, havendo preferências entre itens adjetivais e tipos verbais.

Por fim, interessa ainda à pesquisa funcionalista a identificação dos contextos ou situações comunicativas em que é preferida a construção com adjetivo adverbial. Acerca disso, destacamos os estudos de Hummel (2002, 2013), que se pautam em farta análise sincrônica e diacrônica acerca do uso das estratégias adverbiais das línguas românicas. Sobre o português brasileiro, Hummel (2002) observa que os adjetivos adverbiais ocorrem mais na língua oral coloquial do que na escrita literária, chegando à conclusão de que a diferença entre estes e os advérbios em –mente reside fundamentalmente na elaboração da linguagem, sendo o primeiro relacionado à oralidade e informalidade e o segundo à escrita e formalidade. De fato, em relação à história da língua, Hummel (2013) postula que o adjetivo adverbial e o advérbio em –mente (em sua nomenclatura, Tipo A e Tipo B) correspondem, respectivamente, à tradição oral popular e à tradição escrita padrão e destaca que os advérbios em –mente surgem na interface entre oralidade e escrita e que aos poucos vão sendo alçados à posição de prestígio e de padrão culto escrito.

Observados em conjunto, os trabalhos do professor Martin Hummel são bastante coesos e formulam considerações importantes sobre o uso e a história dos adjetivos adverbiais. Chamamos atenção, em especial, para sua hipótese de diferenciação dos dois grupos de advérbios (adjetivos adverbiais e advérbios em –mente) por modalidade, nível de formalidade e nível de instrução dos falantes, que é consistente e tem sido largamente aceita na literatura.

Tendo por base, dentre outros, os estudos elencados acima, desenvolvemos nossa pesquisa sobre a construção [V AA]_{Qualit} no português brasileiro contemporâneo. Por conta de nossa vasta e abrangente coleta de dados, nosso trabalho permite validar ou refutar as descobertas dos estudos anteriores, assim como depreender a organização da rede de tal construção.

3 Análise quali-quantitativa – descortinando a construção [V AA]_{Qualit}

Ao todo, coletamos 1220 ocorrências, das quais 1139 foram obtidas do *Corpus do Português* e 81, do *C-Oral-Brasil I*. Tais ocorrências foram organizadas em um banco de dados e analisadas segundo um grupo de fatores elencados (posição do adjetivo em relação ao verbo, presença e tipo de elemento interveniente, presença e tipo de complemento verbal, tipo semântico de verbo e de adjetivo, foco informacional, modalidade e domínio discursivo do texto). Posteriormente, utilizamos o programa estatístico **R** para a obtenção da frequência e o cruzamento de algumas das variáveis em análise. O conjunto de dados por nós observados é composto por combinações entre 276 itens verbais e 60 itens adjetivais. Os resultados obtidos na análise quali-quantitativa realizada permitem-nos fazer uma apreciação geral dos dados e obter tendências de comportamento linguístico segundo diferentes níveis da gramática. Vejamos nas seções a seguir.

3.1 Presença de outros elementos na construção [V AA]_{Qualit}

De início, investigamos a composição formal da construção com adjetivo adverbial de sentido qualitativo. Com base nos resultados de Barbosa (2006) e Campos (2019), buscamos comprovar a tendência de tal construção ser composta apenas por um item verbal seguido imediatamente de um item adjetival.

De modo geral, nossa análise corrobora essa conclusão. Na expressiva maioria dos dados, o adjetivo aparece posposto ao verbo, sem a interveniência de outros elementos. Com efeito, 1213 dados (99,4% do total) apresentam ordenação “verbo + adjetivo adverbial”; e 913 ocorrências (quase 75% do total) não apresentam nenhum elemento interveniente. Mais além, observamos que a frequência decresce à medida que aumenta o número de elementos entre o verbo e o adjetivo: há 288 dados (23,6%)

com um elemento; 18 (1,5%) com dois elementos; e somente 1 (0,1%) com três elementos.

Essa tendência de ausência de elementos intervenientes na sequência “verbo + adjetivo adverbial” se mostra ainda mais significativa quando observamos o tipo morfossintático de tais elementos: a maioria (198 dos 327 encontrados, o que equivale a 60,5%) corresponde a adjuntos graduadores do adjetivo adverbial, isto é, a palavras como “mais”, “muito”, “meio”, “quase”, que intensificam ou atenuam a qualificação exercida pelo adjetivo. Trata-se de um elemento que já era previsto formalmente, porque muitos adjetivos e advérbios aceitam ser graduados, e que quase não interfere na integração sintática e cognitiva entre o verbo e o adjetivo adverbial. Além disso, a maioria dos adjuntos graduadores consiste em apenas uma palavra de uma ou duas sílabas, como podemos observar em (1).

(1) Seu conhecimento a respeito das aves marinhas, peixes, das correntes de ar também ajudavam-nos a encontrar o caminho exato. Como a madeira **apodrece muito rápido**, poucas dessas embarcações existem até hoje. (19Ac:Br:Enc)

Afora esses adjuntos do adjetivo, notamos uma frequência expressiva de argumentos internos do verbo; 100 (30,6%) dos 327 elementos intervenientes correspondem a esse tipo. Outros tipos morfossintáticos também ocorrem, como argumentos externos e adjuntos adverbiais, porém em frequência muito baixa. A princípio, a presença de argumentos internos interfere na integração entre verbo e adjetivo adverbial, porque também estabelecem uma relação com o verbo, uma vez que o complementam. Notamos, porém, que o argumento interno tende a ser restrito por fatores formais e discursivo-pragmáticos, com vistas a garantir a forte relação formal e funcional entre os elementos da construção [V AA]_{Qualit.}. No nível da forma, identificamos, por exemplo, que nos dados com adjetivos bifomes (tais como “rápido” e “alto”) a maioria dos complementos com base substantival não está flexionada no masculino singular, compondo um contexto que evita ambiguidade. Já no nível do discurso, observamos que muitos complementos veiculam referentes já evocados ou facilmente reconhecíveis no contexto comunicativo, tendo, portanto, uma carga informacional reduzida.

Cabe também destacar que os complementos verbais são pouco frequentes nas ocorrências de [V AA]_{Qualit.}. Corroborando a tendência de ausência de argumento

interno observada por Barbosa (2006) e Campos (2019), notamos que 744 construtos (61,0% do total) não apresentam nenhum complemento explícito, enquanto 435 (35,6%) e 41 (3,4%) apresentam respectivamente um e dois complementos verbais. Notavelmente, há uma maioria de construtos sem nenhum complemento, formados por verbos tipicamente intransitivos, tais como “amadurecer” em (2), ou por verbos potencialmente transitivos, mas em uso intransitivo, tais como “falar” em (3).

(2) [...] talvez não entrasse pra essa profissão não, tinha seguido uma outra profissão. Mas é uma profissão bonita, você **amadurece rápido**, você tem acesso a informações que você não teria. (19Or:Br:Intrv:Web)

(3) Tio Cosme bebia e fumava. E **falava alto**, os gestos estabanados. E jogava cartas, inicialmente um contra um, mas logo a mesa se completou, duas duplas que se revezavam, as apostas iam subindo. (19:Fic:Br:Guerra:Vila)

Além disso, temos de considerar que, entre os dados com verbos em uso transitivo, o complemento nem sempre é prototípico, quer dizer, nem sempre consiste em um constituinte pleno com função de objeto (direto ou indireto) ou complemento relativo, tal como vemos em (4). Em verdade, em 325 construtos (o que corresponde a 68,3% das ocorrências transitivas) encontramos apenas complementos não prototípicos, como vemos em (5), em que o complemento consiste em discurso direto introduzido por um verbo *dicendi*, compondo um constituinte sintático mais desgarrado ao verbo.

(4) O ex-deputado e atual diretor da Itaipu, Fabiano Braga Cortes, costuma **apertar forte a mão dos seus amigos**. Os distraídos ou desavisados chegam a ajoelhar. (19N:Br:Cur)

(5) Mas não alteou a voz para dizer isso. Paulo também **falou baixo**:

– Que adianta Maurício ser mais bonito do que eu? Se você está à minha disposição? [...] (19:Fic:Br:Rodriguez:Destino)

Diante desses resultados, confirmamos a hipótese de que a construção [V AA]_{Qualit} tende a apresentar verbos intransitivos ou em uso intransitivo, de modo que

seu padrão construcional não inclui complementos verbais. Em nossa compreensão, esse fato não se deve a uma limitação sintática, mas sim a uma restrição pragmática de foco exclusivo, como defendido por Virginio (2016, 2018) e Campos (2019). Retornaremos a esse ponto adiante (seção 3.3.). Por outro lado, ressaltamos ter encontrado um número de dados com verbos transitivos ou em uso transitivo maior do que aqueles obtidos por Barbosa (2006) e Campos (2019). Logo, conforme defendemos em Tiradentes e Marques (2020), julgamos necessário reconhecer que a construção pode, sim, ser instanciada junto a complementos verbais, ainda que em contextos específicos ainda não delimitados.

Ademais, confirmamos a tendência de ausência de outros elementos na sequência “verbo + adjetivo adverbial”, em concordância com os resultados observados pelas autoras supracitadas. Tal como elas, compreendemos que a referida tendência está relacionada ao princípio da iconicidade, mais especificamente ao subprincípio da proximidade (GIVÓN, 1995), segundo o qual os elementos mais próximos conceptualmente, como o verbo (elemento modificado) e o adjetivo adverbial (elemento modificador), serão codificados próximos linguisticamente. Em acréscimo, entendemos que a proximidade dos adjetivos a referentes nominais seria um contexto propício para ambiguidade, o que demandaria maior custo cognitivo de processamento das cláusulas.

3.2 Tipo semântico do verbo e do adjetivo

Investigamos os verbos e os adjetivos que são licenciados pela construção, tendo por base a classificação de Martelotta (2004) para os tipos de verbo e as de Castilho (2010) e de Demonte (1999) para o tipo de adjetivo. Seguindo as hipóteses de Barbosa (2006), prevíamos maioria de dados com verbos materiais e adjetivos avaliativos.

Dos treze tipos semânticos de verbo propostos por Martelotta (2004)³, selecionamos onze para a pesquisa⁴. Desses onze, encontramos nove tipos nos

³ Essa classificação é constituída pelos seguintes tipos de verbo: corpóreo; de atividade verbal; de sentimento; de percepção; de percepção/relacional; material; de cognição; de crença; existencial; relacional; possessivo/relacional; modal; e leve.

⁴ Não coletamos dados de verbos leves (verbos suporte) e verbos relacionais, a fim de evitar enviesamento dos resultados na análise dos fatores morfossintáticos.

dados obtidos com os *corpora* utilizados – não houve ocorrência de construtos com verbo de crença ou com verbo modal – cujas frequências *token* e *type* apresentamos na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição dos dados por tipo semântico de verbo

Tipo de verbo	Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>	
	N	%	N	%
Material	503	41,2%	149	48,8%
De atividade verbal	289	23,7%	42	13,8%
Corpóreo	257	21,1%	64	21,0%
De percepção	51	4,2%	8	2,6%
De cognição	42	3,4%	19	6,2%
Possessivo/relacional	39	3,2%	2	0,7%
Existencial	31	2,5%	17	5,6%
De percepção/relacional	7	0,6%	3	1,0%
De sentimento	1	0,1%	1	0,3%
Total	1220	100%	305	100%

Fonte: Tiradentes (2021)

Dos nove tipos verbais atestados nos *corpora*, apenas três apresentam alta frequência *token*: os verbos materiais (41,2% do total), como “trabalhar” e “pagar”; de atividade verbal (23,7%), como “falar” e “dizer”; e corpóreos (21,1%), como “assobiar” e “apertar”. Esses são também aqueles com maior frequência *type*: 48,8%, 13,8% e 21,0%, respectivamente. Contudo, 84,4% dos dados com verbos de atividade verbal se deram em textos de domínio ficcional, o que nos parece indicar que a alta frequência *token* desse tipo verbal se deve à grande quantidade de textos ficcionais no *Corpus do Português*. Assim, estão em maior relevância, de fato, somente os corpóreos e – sobretudo – os materiais.

No que tange a análise dos tipos de adjetivo, recorreremos à classificação de Castilho (2010) e selecionamos para análise apenas os itens que poderiam ser incluídos na categoria dos adjetivos polares ou dimensionadores, isto é, adjetivos prototipicamente qualificadores e que ou se apresentam em pares de antônimos, tal como os itens “alto” e “baixo”, por exemplo, ou caracterizam um elemento quanto à dimensão horizontal ou vertical, tal como “largo” e “grande”⁵.

⁵ Excepcionalmente, coletamos um dado de adjetivo verificador (“fazer isso daqui automático”), que no contexto se aproximava bastante de um adverbial qualitativo.

Para analisar mais detidamente nosso conjunto de 1220 dados, utilizamos a classificação semântica de adjetivos qualificativos de Demonte (1999), que estipula sete grupos⁶, e adicionamos mais dois grupos verificados durante a coleta⁷. Na Tabela 2, expomos as frequências *token* e *type* dos adjetivos verificados na pesquisa. Encontramos ocorrências com todos os grupos postulados por Demonte, com exceção do grupo “idade”, que abarca adjetivos como “jovem”, “velho” e “moderno”.

Tabela 2 - Distribuição dos dados por tipo semântico de adjetivo

Tipo de adjetivo	Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>	
	N	%	N	%
De avaliação	291	23,8%	25	34,2%
De dimensão	290	23,7%	6	8,2%
De direção	195	16,0%	7	9,6%
De propriedade física	188	15,4%	14	19,2%
De velocidade	113	9,3%	4	5,5%
De valor	95	7,8%	4	5,5%
De atitude	46	3,8%	11	15,0%
De cor	1	0,1%	1	1,4%
Verificador	1	0,1%	1	1,4%
Total	1220	100%	73	100%

Fonte: Tiradentes (2021)

Em relação à frequência *token*, observamos que quatro tipos de adjetivo concentram a maioria dos dados: os adjetivos de avaliação (com 23,8% das ocorrências), de dimensão (23,7%), de direção (16,0%) e de propriedade física (15,4%). Com menor quantidade de ocorrências, mas ainda assim expressivos, temos os adjetivos de velocidade (9,3%) e de valor (7,8%). Já em relação à frequência *type*, percebemos que os adjetivos de avaliação se destacam (tendo licenciado 34,2% dos itens adjetivais), sendo seguidos pelos tipos de propriedade física (19,2%) e de atitude (15,0%). Em menor grau, mas também expressivos, identificamos os adjetivos de direção (9,6%) e de dimensão (8,2%).

⁶ Demonte (1999) elenca os seguintes tipos: de dimensão; de velocidade; de propriedade física; de cor; de idade; de avaliação; e atitude e (pre)disposições humanas.

⁷ Como em muitos contextos a predicação do adjetivo recaía sobre propriedades mais abstratas, julgamos relevante acrescentar os seguintes tipos: de valor, para itens como “caro”; e de direção, para itens como “reto”.

À diferença do resultado para os tipos verbais, não identificamos um ou mais tipos principais de adjetivo. Opostamente, observamos que cada grupo semântico de adjetivo licenciado, com exceção dos adjetivos verificadores e de cor, recobre uma parcela significativa de construtos e parece ser responsável por parte da produtividade da construção. Mais especificamente, conseguimos observar que os tipos semânticos verbais e adjetivais apresentam preferências de combinação entre si, formando 16 arranjos semânticos entre verbo e adjetivo.

Em especial, destacamos a preferência de combinação entre adjetivos de avaliação e verbos materiais e corpóreos (163 dados), como “jogar simples” e “beijar direito”, assim como a preferência entre esses mesmos adjetivos e verbos de atividade verbal, de percepção e de cognição (120 dados), como “falar certo”, “enxergar direito” e “pensar igual”. Estes dois arranjos são os mais abstratos, porque expressam julgamentos de valor sobre ações e atividades socioculturais; ou sobre eventos de produção de enunciados linguísticos e de compreensão (perceptual ou mental) de objetos e ideias.

A maioria dos demais arranjos são apenas um pouco menos abstratos. Por exemplo, na combinação entre adjetivos de direção, de velocidade e de propriedade física e verbos materiais e corpóreos (387 dados), como “ir reto”, “correr rápido”, “bater fraco” e “martelar forte”, os adjetivos expressam propriedades dinâmicas relacionadas a ações que envolvem movimento – sejam eventos de deslocamento no espaço, sejam eventos que envolvem a movimentação de uma parte do corpo.

Dessa apreciação, concluímos que há maioria de ocorrências com adjetivos de sentido mais abstrato do que concreto, ainda que não haja exatamente uma preferência pelo tipo avaliativo. Esse era um resultado esperado, já que tipos adjetivais mais abstratos, como o de avaliação, conseguiriam modificar mais facilmente o escopo verbal, o qual expressa um sentido também mais abstrato, a noção de evento; tipos adjetivais mais concretos, por outro lado, tenderiam a se relacionar a propriedades dos participantes sujeito e objeto e teriam menor probabilidade de tomar um verbo como escopo.

Além disso, validamos a tendência de licenciamento de verbos materiais, que se deve, segundo Martelotta (2004), à compatibilidade semântica entre seu escopo e a modificação exercida pelos adverbiais qualitativos. Ainda assim, reconhecemos que a frequência desse tipo verbal em nossa pesquisa é menor do que aquela encontrada

por Barbosa (2006) e que também os tipos corpóreo e de atividade verbal são relevantes para a descrição da construção, como fora apontado por Campos (2019).

3.3 Compartilhamento de foco informacional

Ao lado das propriedades morfossintáticas e semânticas, examinamos uma propriedade discursivo-pragmática da construção [V AA]_{Qualit}: precisamente, o foco informacional a ela associado. Seguindo as pesquisas de Virginio (2016, 2018) e Campos (2019), analisamos sobre quais porções da cláusula em que a construção [V AA]_{Qualit} foi instanciada havia incidência de foco informacional.

Corroborando com os autores supracitados, hipotetizamos que o foco informacional tenderia a recair apenas sobre a sequência “verbo + adjetivo adverbial”, como podemos verificar no exemplo abaixo:

(6) Izzo - Não, eu vou lá, vou dizer para o Mário Covas, que veio pedir voto em Bauru, que não é só pedir votos. Tem que ajudar a população para quem ele pediu voto. **Fala bonito**, está tudo certo, estamos lá aplaudindo, tudo pode te ajudar... (19Or:Br:Intrv:Cid)

Endossando nossa previsão, verificamos um grande número de ocorrências com foco exclusivo (884 ocorrências, equivalendo a 72,5% dos dados). Esse resultado indica que a sequência “verbo + adjetivo adverbial” tende a receber foco informacional e a não o compartilhar com nenhum outro elemento da cláusula, de modo que esse contexto de foco exclusivo constitui uma restrição da construção [V AA]_{Qualit}. Muito provavelmente essa restrição constitui uma das principais características que diferenciam a [V AA]_{Qualit} das outras construções adverbiais, como defendem Virginio (2016, 2018) e Campos (2019).

Além disso, compreendemos que tal restrição pragmática justifica a ausência de complemento verbal no padrão [V AA]_{Qualit}. Uma vez que costumam consistir em constituintes de grande destaque informativo, os complementos verbais compartilhariam foco com a sequência “verbo + adjetivo adverbial” e, por isso, tendem a não ocorrer na construção sob análise. Mais além, a restrição de foco exclusivo explica a maior frequência de verbos em uso transitivo não prototípico do que em uso

prototípico, porque complementos de natureza clítica ou pronominal interferem muito pouco na estrutura informacional e complementos que representam discurso direto, por serem mais desgarrados, são contados como uma cláusula à parte.

3.4 Modalidade e domínio discursivo

Analisamos, por fim, a distribuição das ocorrências em relação aos textos em que ocorreram. De início, averiguamos a modalidade textual, dividindo os textos em quatro grupos, dispostos em um *continuum* oralidade-escrita. Na Tabela 3, apresentamos o resultado da análise depreendida. Como o número de palavras é bastante desigual entre esses grupos, comparamos não a frequência simples de ocorrência, mas a frequência relativa (média a cada mil palavras). Além disso, reiteramos que não foi possível precisar o total de palavras para o grupo de textos híbridos 2 (formado basicamente por diálogos ficcionais e transcrições de fala em notícia).

Tabela 3 - Distribuição dos dados por modalidade textual

	Grupo de textos por modalidade			
	Oral	Híbrido 1	Híbrido 2	Escrito
Freq. simples	145	79	194	793
Freq. relativa	0,237	0,117	...	0,086

Fonte: Adaptado de Tiradentes (2021)

Observamos, com base nos resultados da Tabela 3, que a maioria dos dados coletados foi instanciada em textos escritos, mas notamos que isso se deve à composição do *Corpus do Português*, que concentra número muito maior de textos tipicamente escritos do que de tipicamente orais. Comparando as frequências relativas, verificamos que a frequência em textos orais é quase 3 vezes maior que a frequência em textos escritos; e que a frequência diminui conforme os textos se tornam mais próximos ao que se considera prototipicamente escrita, já que há maior frequência relativa nos textos híbridos do que nos escritos. Ademais, percebemos que há muitas ocorrências em diálogos ficcionais e transcrições de fala em jornal (“textos híbridos 2”), fato que corrobora a associação da construção à oralidade.

Além da modalidade, investigamos os níveis de coloquialidade e de informalidade. No entanto, realizamos essa análise de modo indireto, já que o *Corpus do Português* não oferece informação sobre as características dos textos nele contidos. Embora esse *corpus* afirme separar os textos em quatro grupos de gêneros textuais, notamos que a classificação do banco de dados lidava mais exatamente com a categoria de domínio discursivo; recorreremos, então, a essa categoria, adotando a classificação de Marcuschi (2008) e assumindo que supostamente determinados domínios estariam mais ou menos vinculados a um discurso coloquial e informal. Sob essa visão, delimitamos quatro grupos de textos, correspondentes a quatro domínios discursivos, sendo o domínio interpessoal aquele supostamente mais relacionado à linguagem coloquial e informal, já que tende a ocorrer em situações comunicativas mais espontâneas e menos monitoradas; e sendo o domínio instrucional (que abarca os domínios acadêmico e escolar) aquele supostamente mais relacionado à linguagem elaborada e formal. Apresentamos as frequências simples e relativa (média a cada mil palavras) de cada domínio na Tabela 4 abaixo.

Tabela 4 - Distribuição dos dados por domínio discursivo

	Grupo de texto por domínio discursivo			
	Interpessoal	Ficcional	Jornalístico	Instrucional
Freq. simples	145	757	282	27
Freq. relativa	0,237	0,250	0,084	0,009

Fonte: Adaptado de Tiradentes (2021)

De modo central, destacamos que as maiores frequências relativas se encontram no domínio interpessoal, composto por entrevistas sociolinguísticas e conversas espontâneas, e no domínio ficcional, formado sobretudo por contos e romances literários, enquanto as menores frequências se verificam entre os domínios jornalístico, constituído por textos de diferentes gêneros textuais veiculados em periódicos, e instrucional, composto principalmente por dissertações e teses acadêmicas e verbetes de enciclopédia escolar. Notamos que a frequência em domínio interpessoal e ficcional é bem semelhante, apesar de termos um número de construtos muito maior entre os textos ficcionais; também a ocorrência em cada um desses domínios é aproximadamente 27 vezes maior que em domínio instrucional.

Além disso, podemos comparar os dois *subcorpora* que formam o domínio interpessoal: de um lado, a totalidade do C-Oral-Brasil I, composto por textos informais; de outro, o *subcorpus* oral do Corpus do Português, formado por textos de diferentes níveis de formalidade. Notavelmente, as frequências simples e relativa foram maiores no primeiro do que no segundo grupo: 81 dados, com média de 0,329, contra 64 dados, com média de 0,159.

Podemos, então, comprovar nossa hipótese de que haveria maior frequência de ocorrência da construção [V AA]_{Qualit} em textos orais do que escritos e em textos mais informais do que formais. Por outro lado, também comprovamos que a frequência em textos escritos e mais formais não é baixa, já que encontramos frequências simples e relativas de valor significativo nos textos escritos ficcionais e jornalísticos. Ao nosso ver, a presença nesses textos se deve às especificidades semânticas e discursivo-pragmáticas da construção [V AA]_{Qualit}, que a tornam a estrutura adverbial mais adequada para alcançar determinadas intenções comunicativas. A alta frequência bruta e relativa nos textos ficcionais é, também, um indício de que a construção seja favorecida por sequências tipológicas narrativas.

Considerações finais

Com base em nossos resultados, identificamos características relevantes da construção de modificação verbal com adjetivo adverbial. Em relação ao polo da forma, verificamos que a maioria dos dados é composta por um item adjetival imediatamente posposto a um verbo intransitivo ou em uso intransitivo. Conseqüentemente, compreendemos que o padrão formal da construção com adjetivo adverbial seja [V AA], demarcando a posição pós-verbal do adjetivo, bem como a ausência de elementos intervenientes e de complementos verbais.

Já em relação ao polo da função, demarcamos três aspectos. Quanto à semântica, averiguamos que a construção licencia principalmente três tipos de verbo (dentre os quais se destaca o tipo material) e adjetivos mais abstratos, de tipos variados. Acerca da pragmática e do discurso, observamos que há uma vinculação da construção à estrutura informacional de foco exclusivo, de modo que a centralidade da informação recai sobre a sequência “verbo + adjetivo adverbial”. Por último, em torno das propriedades contextuais, notamos que há preferência por modalidade oral e registro informal (ou menos formal).

Esse quadro geral da construção [V AA]_{Qualit} endossa, em grande medida, os resultados e as conclusões das pesquisas revistas na seção 2. Ainda assim, por termos observado uma vasta quantidade de textos, verificamos que a presença de complementos verbais e a ocorrência em textos escritos e mais formais não é tão rara quanto fora postulada por Barbosa (2006), Campos (2019) e Hummel (2002, 2013). Parece-nos que complementos verbais, ainda que repelidos, têm mais chance de serem instanciados se veicularem informação evocada ou inferível e/ou se não estiverem flexionados no masculino singular; e que a construção, ainda que associada ao discurso oral e informal, ocorre em outros contextos porque atinge intenções comunicativas específicas, como a expressão de um sentido para o qual não há advérbios em -mente ou locuções adverbiais ou como o recaimento de foco exclusivo.

Além disso, ressaltamos a diversidade de tipos semânticos licenciados pela construção. Embora concordemos com Barbosa (2006) sobre a maior frequência de verbos materiais e adjetivos de sentido mais abstrato, verificamos que há preferências de colocação entre esses elementos, como preconizado por Campos (2019). Consideramos, então, que a rede construcional de [V AA]_{Qualit} recobre uma gama de sentidos diversificada, embora reduzida se comparada à abrangência dos advérbios em -mente. Trata-se, pois, de uma rede polissêmica, em que diferentes subesquemas compartilham as mesmas propriedades formais, discursivo-pragmáticas e contextuais, mas se diferenciam conforme os 16 arranjos semânticos verificados entre verbo e adjetivo adverbial.

Cabe futuramente dar seguimento à pesquisa sobre a construção com adjetivo adverbial de cunho qualitativo, investigando mais a fundo, principalmente, seus padrões de (in)transitividade, suas motivações de uso em textos escritos e mais formais e sua caracterização semântica na rede construcional.

Referências

BARBOSA, M. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos*: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. 2006. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMPOS, J. L. *A competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na rede construcional do português brasileiro: uma análise centrada no uso*. 2019. 148 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CASTILHO, A. T. O. Sintagma Adjetival. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 511-539.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. J. (2006-) *Corpus do Português: gênero/histórico*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen>> . Acesso em: abr.2021.

DEMONTE, V. El adjetivo: classes y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 129-215.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2013. p. 13-39.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2019.

HOPPER, P. Emergent Grammar. *Annual Meeting of The Berkeley Linguistics Society*, [S.L.], v. 13, p. 139, 10 set. 1987. Linguistic Society of America. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3765/bls.v13i0.1834>.

HUMMEL, M. Considerações sobre os Tipos *Ela Fala Esquisito* e *Ela Chega Cansada* no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 43-70, 2002.

HUMMEL, M. Attribution in Romance: reconstructing the oral and written tradition. *Folia Linguistica Historica*, [S.L.], v. 34, n. 1, p. 1-42, jan. 2013. Walter de Gruyter GmbH. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1515/flih.2013.001>. Acesso em: mai.2018.

MARTELOTTA, M. E. *Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ (Relatório final apresentado ao CNPq), 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RASO, T.; MELLO, H. (eds.). *C-Oral-Brasil I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TIRADENTES, R. P.; MARQUES, P. M. A presença de complemento verbal na construção com adjetivo adverbial: um estudo sobre variação na rede construcional. In: CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S.; CASTANHEIRA, D. (org.). *Linguística Baseada no Uso: explorando métodos, construindo caminhos*. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2020. p. 95-116.

TIRADENTES, R. P. *Adjetivos adverbiais na rede construcional do português brasileiro: uma proposta de categorização bottom-up do padrão [V AA] com sentido qualitativo*. 2021. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

VIRGINIO, V. T. A. *Investigando a semiprodutividade construcional: o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro*. 2016. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras: Português - Inglês, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VIRGINIO, V. T. A. *A pragmática inerente das construções gramaticais: comparando adjetivos adverbiais e advérbios em -mente do português brasileiro*. 2018. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Recebido em 18/05/2022

Aceito em 14/06/2022

Publicado em 07/07/2022